

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

3º BIMESTRE

AUTORIA

ELOISA PORTO CORRÊA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é o recorte de um momento decisivo do romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Neste fragmento, Dora, muito doente, pede a seu amado, Pedro Bala, que a torne mulher. Ele hesita, mas cede ao desejo, sem imaginar a grande perda que sofreria depois da noite de amor.

Dora, Esposa

O cachorro late a lua na areia. Sem-Pernas sai do trapiche, acompanha Don'Aninha através do areal. Ela disse que a febre não tardaria a ir embora. Pirulito sai também, vai chamar o padre José Pedro. Tem confiança no padre, ele pode saber um remédio.

Dentro do trapiche os Capitães da Areia estão silenciosos. Dora pediu que eles fossem dormir. Se deitaram pelo chão, mas são raros os que dormem. Na paz imensa da noite pensam na febre que consome Dora. Ela beijou Zé Fuinha, mandou que ele fosse dormir. Ele não compreende bem. Sabe que ela está doente, mas não pensa um momento que ela o poderá abandonar. Mas os Capitães da Areia temem que isso aconteça. Então ficarão novamente sem mãe, sem irmã, sem noiva.

Agora só João Grande e Pedro Bala estão a seu lado. O negro sorri, mas Dora sabe que o sorriso dele é forçado, é um sorriso para a animar, um sorriso arrancado à força da tristeza que o negro sente.

Pedro Bala segura sua mão. Mais retirado, Professor está dobrado sobre si mesmo, a cabeça enterrada nas mãos.

Dora diz:

– Pedro?

– Que é?

– Chegue aqui.

Ele se aproxima. A voz dela é um fio de voz. Pedro fala com carinho:

– Tu quer alguma coisa?

– Tu gosta de mim?

– Tu bem sabe...

– Deita aqui.

Pedro deita ao seu lado. João Grande se afasta, chega para perto de Professor. Mas não conversam, ficam entregues à sua tristeza. No entanto é uma noite de paz que envolve o trapiche. E a paz da noite está também nos olhos doentes de Dora.

– Mais perto...

Ele se chega mais, os corpos estão juntos. Ela toma a mão dele, leva ao seu peito. Arde de febre. A mão de Pedro está sobre seu seio de menina. Ela faz com que ele a acaricie, diz:

– Tu sabe que já sou moça?

A mão dele pousada nos seus seios, os corpos juntos. Uma grande paz nos olhos dela:

– Foi no orfanato... Agora posso ser tua mulher.

Ele a olha espantado:

– Não, que tu tá doente...

– Antes de eu morrer. Vem...

– Tu não vai morrer.

– Se tu vier, não.

Se abraçam. O desejo é abrupto e terrível. Pedro não a quer magoar, mas ela não mostra sinais de dor. Uma grande paz em todo seu ser.

– Tu é minha agora – fala ele com voz agitada.

Ela parecia não sentir a dor da posse. Seu rosto acendido pela febre se enche de alegria. Agora a paz é só da noite, com Dora está a alegria. Os corpos se desunem. Dora murmura:

– É bom... Sou tua mulher.

Ele a beija. A paz voltou ao rosto dela. Fita Pedro Bala com amor.

– Agora vou dormir – diz.

Deita ao lado dela, segura sua mão ardente. Esposa.

A paz da noite envolve os esposos. O amor é sempre doce e bom, mesmo quando a morte está próxima. Os corpos não se balançam mais no ritmo do amor. Mas nos corações dos dois meninos não há mais nenhum medo. Somente paz, a paz da noite da Bahia.

Na madrugada, Pedro põe a mão na testa de Dora. Fria. Não tem mais pulso, o coração não bate mais. O seu grito atravessa o trapiche, desperta os meninos. João Grande a olha de olhos abertos. Diz a Pedro Bala:

– Tu não devia ter feito...

– Foi ela que quis – explica e sai para não rebentar em soluços.

Professor se chega, fica olhando. Não tem coragem de tocar no corpo dela. Mas sente que para ele a vida do trapiche acabou, não lhe resta mais nada que fazer ali. Pirulito entra com o padre José Pedro. O padre pega no pulso de Dora, bota a mão na testa:

– Está morta.

Inicia uma oração. E quase todos rezam em voz alta.

– *Padre nosso que estais no céu...*

Pedro Bala se lembra das rezas à noite no reformatório. Seus ombros se encolhem, tapa os ouvidos. Volta-se, vê o corpo de Dora. Pirulito pôs uma flor roxa entre seus dedos. Pedro Bala rompe em soluços.

(...)

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1:

Ao lemos uma história, nem sempre conhecemos os significados de todas as palavras utilizadas pelo autor. No entanto, isso não nos impede de entender o texto, já que o próprio contexto em que a palavra desconhecida está inserida pode nos dar pistas de seu sentido.

Assim, observe a palavra destacada na passagem em seguida, tente compreender o seu significado a partir do contexto e responda:

“– (...) *Agora posso ser tua mulher.*

Ele a olha espantado:

– *Não, que tu tá doente...*

– *Antes de eu morrer. Vem...*

– *Tu não vai morrer.*

– *Se tu vier, não.*

*Se abraçam. O desejo é **abrupto** e terrível. Pedro não a quer magoar, mas ela não mostra sinais de dor. Uma grande paz em todo seu ser.”*

a) O que a palavra “**abrupto**” quer dizer no fragmento acima?

() Controlado e brando

() Rápido e fraco

() Repentino e incontrolável

b) Como você chegou a essa conclusão?

Habilidade Trabalhada

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta Comentada

O professor deve reforçar para os alunos a ideia de que a compreensão de uma palavra vai além do mero reconhecimento de seu significado denotativo: seu sentido é ampliado pelo contexto (linguístico e extralinguístico) em que está inserida. Desse modo, o não conhecimento do significado de uma palavra pode não ser empecilho para sua compreensão.

Desta forma, mesmo desconhecendo o significado de “abrupto”, o aluno conseguirá inferir, pelo enunciado em que a palavra aparece (contexto linguístico), que ela significa “repentino e incontrolável”, “arreatador e inesperado”, resposta da letra *a*.

Na letra *b*, o aluno deve identificar a informação de que Pedro Bala, a princípio, não queria tocar Dora (“Não, que tu tá doente...”), preocupado com a saúde debilitada dela. Mas após a insistência da moça e o abraço, de repente não consegue controlar o desejo, que o domina.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 2

A partir do fragmento anterior, de uma fala de Dora: “Se tu vier, não”, responda:

Qual é a circunstância expressa pelo uso do verbo no subjuntivo, associado ao conector “se”?

- (a) conclusão
- (b) condição
- (c) finalidade
- (d) proporção
- (e) tempo

Habilidade Trabalhada

Relacionar o emprego do modo subjuntivo à ocorrência de orações subordinadas adverbiais.

Resposta Comentada

Para realizar esta questão, primeiramente a professora levará o aluno a perceber que o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo na passagem indica uma possibilidade futura.

Em seguida, analisando a relação entre as duas orações que compõem o período, já com a percepção de que a primeira oração não aponta certeza, o aluno notará que a resposta correta é a letra *b*, “condição”, pois o enunciado apresenta uma circunstância prévia para que algo ocorra: “Se tu vier”. A jovem parece querer convencer o amado de que sua ida para junto dela seria, portanto, uma condição para que ela continuasse viva ou, ao menos, não seria a causa de sua morte. Isso aumenta a surpresa e o desespero de Pedro Bala, mais à frente na narrativa, quando Dora morre, mesmo depois de Pedro ter dormido com ela.

A opção *a*, “conclusão”, será descartada, visto que não há, no enunciado, um entendimento definitivo acerca do assunto que é apresentado. A opção *c*, “finalidade”, está igualmente equivocada, uma vez que não há a evidência da apresentação de um objetivo na passagem em questão. A opção *d*, “proporção”, também está errada, haja vista que não há dados que mostrem a relação de proporcionalidade. A opção *e*, “tempo”, por fim, também está incorreta, pois não há qualquer referência temporal no trecho.

QUESTÃO 3

A partir do fragmento anterior, de uma fala de Dora: “**Se tu vier, não**”, responda: Qual a única alternativa que substituiria a fala da personagem de maneira adequada para uma situação formal de comunicação?

- (a) Se você viesse, eu não morreria.
- (b) Se tu viesse, eu não morreria.
- (c) Se tu vieres, eu não morreria.
- (d) Se você vier, eu não morreria.

Habilidade Trabalhada

Observar os nexos lógicos no texto, empregando adequadamente os tempos e modos verbais.

Resposta Comentada

Na solução desta questão, o aluno deve se lembrar das diferenças no uso padrão da segunda (tu) e da terceira (você) pessoa do singular, bem como a conjugação adequada dos verbos no modo indicativo e no subjuntivo.

Além disso, deve perceber que há uma correlação existente entre os verbos de um enunciado em prol da coesão sequencial do texto e até da coerência da mensagem que está

sendo transmitida. Dessa forma, a escolha da forma verbal “vier”, no futuro do subjuntivo, na primeira oração do período, pressupõe que, na oração principal, o verbo morrer seja conjugado no futuro do presente do indicativo: “Se tu vieres, não morrerei”, a alternativa mais adequada, portanto. Isto porque, o futuro do presente na oração principal deve ser acompanhado do futuro do subjuntivo na oração subordinada adverbial condicional.

As demais alternativas estão incorretas, pois misturam o uso do futuro do subjuntivo (na oração subordinada adverbial condicional), que deve ser acompanhado do verbo no futuro do presente do indicativo (na oração principal); com o pretérito imperfeito do subjuntivo (na oração subordinada adverbial condicional), que deve ser acompanhado do futuro do pretérito do indicativo.

TEXTO II - LEITURA COMPLEMENTAR

O Texto II se chama *A menina dos fósforos* e representa bem o sofrimento de muitos meninos e meninas abandonados no Brasil de hoje, pedindo ou trabalhando pelas ruas. Mas, apesar de tão atual, foi escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen, cerca de um século antes de o brasileiro Jorge Amado escrever o seu romance *Capitães da Areia*, que lemos no terceiro bimestre e no Texto Gerador I. Na narrativa curta de Andersen, transcrita a seguir, acompanharemos o drama de uma menina pobre, que sonha com um natal farto e uma vida feliz, enquanto agoniza desamparada no frio e na miséria da rua.

A menina dos fósforos

Hans Christian Andersen

Estava tanto frio! A neve não parava de cair e a noite aproximava-se. Aquela era a última noite de Dezembro, véspera do dia de Ano Novo. Perdida no meio do frio intenso e da escuridão, uma pobre rapariguinha seguia pela rua fora, com a cabeça descoberta e os pés descalços. É certo que ao sair de casa trazia um par de chinelos, mas não duraram muito tempo, porque eram uns chinelos que já tinham pertencido à mãe, e ficavam-lhe tão grandes, que a menina os perdeu quando teve de atravessar a rua a correr para fugir de um trem. Um

dos chinelos desapareceu no meio da neve, e o outro foi apanhado por um garoto que o levou, pensando fazer dele um berço para a irmã mais nova brincar.

Por isso, a rapariguinha seguia com os pés descalços e já roxos de frio; levava no avental uma quantidade de fósforos, e estendia um maço deles a toda a gente que passava, apregoando: — Quem compra fósforos bons e baratos? — Mas o dia tinha-lhe corrido mal. Ninguém comprara os fósforos, e, portanto, ela ainda não conseguira ganhar um tostão. Sentia fome e frio, e estava com a cara pálida e as faces encovadas. Pobre rapariguinha! Os flocos de neve caíam-lhe sobre os cabelos compridos e loiros, que se encaracolavam graciosamente em volta do pescoço magrinho; mas ela nem pensava nos seus cabelos encaracolados. Através das janelas, as luzes vivas e o cheiro da carne assada chegavam à rua, porque era véspera de Ano Novo. Nisso, sim, é que ela pensava.

Sentou-se no chão e encolheu-se no canto de um portal. Sentia cada vez mais frio, mas não tinha coragem de voltar para casa, porque não vendera um único maço de fósforos, e não podia apresentar nem uma moeda, e o pai era capaz de lhe bater. E afinal, em casa também não havia calor. A família morava numa água-furtada, e o vento metia-se pelos buracos das telhas, apesar de terem tapado com farrapos e palha as fendas maiores. Tinha as mãos quase paralisadas com o frio. Ah, como o calorzinho de um fósforo aceso lhe faria bem! Se ela tirasse um, um só, do maço, e o acendesse na parede para aquecer os dedos! Pegou num fósforo e: Fcht!, a chama espirrou e o fósforo começou a arder! Parecia a chama quente e viva de uma candeia, quando a menina a tapou com a mão. Mas, que luz era aquela? A menina julgou que estava sentada em frente de um fogão de sala cheio de ferros rendilhados, com um guarda-fogo de cobre reluzente. O lume ardia com uma chama tão intensa, e dava um calor tão bom! Mas, o que se passava? A menina estendia já os pés para se aquecer, quando a chama se apagou e o fogão desapareceu. E viu que estava sentada sobre a neve, com a ponta do fósforo queimado na mão.

Riscou outro fósforo, que se acendeu e brilhou, e o lugar em que a luz batia na parede tornou-se transparente como tule. E a rapariguinha viu o interior de uma sala de jantar onde a mesa estava coberta por uma toalha branca, resplandecente de loiças finas, e mesmo no

meio da mesa havia um ganso assado, com recheio de ameixas e puré de batata, que fumegava, espalhando um cheiro apetitoso. Mas, que surpresa e que alegria! De repente, o ganso saltou da travessa e rolou para o chão, com o garfo e a faca espetados nas costas, até junto da rapariguinha. O fósforo apagou-se, e a pobre menina só viu na sua frente a parede negra e fria.

E acendeu um terceiro fósforo. Imediatamente se encontrou ajoelhada debaixo de uma enorme árvore de Natal. Era ainda maior e mais rica do que outra que tinha visto no último Natal, através da porta envidraçada, em casa de um rico comerciante. Milhares de velinhas ardiam nos ramos verdes, e figuras de todas as cores, como as que enfeitam as montras das lojas, pareciam sorrir para ela. A menina levantou ambas as mãos para a árvore, mas o fósforo apagou-se, e todas as velas de Natal começaram a subir, a subir, e ela percebeu então que eram apenas as estrelas a brilhar no céu. Uma estrela maior do que as outras desceu em direcção à terra, deixando atrás de si um comprido rasto de luz.

«Foi alguém que morreu», pensou para consigo a menina; porque a avó, a única pessoa que tinha sido boa para ela, mas que já não era viva, dizia-lhe muita vez: «Quando vires uma estrela cadente, é uma alma que vai a caminho do céu.»

Esfregou ainda mais outro fósforo na parede: fez-se uma grande luz, e no meio apareceu a avó, de pé, com uma expressão muito suave, cheia de felicidade!

— Avó! — gritou a menina — leva-me contigo! Quando este fósforo se apagar, eu sei que já não estarás aqui. Vais desaparecer como o fogão de sala, como o ganso assado, e como a árvore de Natal, tão linda.

Riscou imediatamente o punhado de fósforos que restava daquele maço, porque queria que a avó continuasse junto dela, e os fósforos espalharam em redor uma luz tão brilhante como se fosse dia. Nunca a avó lhe parecera tão alta nem tão bonita. Tomou a neta nos braços e, soltando os pés da terra, no meio daquele resplendor, voaram ambas tão alto, tão alto, que já não podiam sentir frio, nem fome, nem desgostos, porque tinham chegado ao reino de Deus.

Mas ali, naquele canto, junto do portal, quando rompeu a manhã gelada, estava caída uma rapariguinha, com as faces roxas, um sorriso nos lábios... mor ta de frio, na última noite do ano. O dia de Ano Novo nasceu, indiferente ao pequenino cadáver, que ainda tinha no regaço um punhado de fósforos. — Coitadinha, parece que tentou aquecer-se! — exclamou alguém. Mas nunca ninguém soube quantas coisas lindas a menina viu à luz dos fósforos, nem o brilho com que entrou, na companhia da avó, no Ano Novo.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 4

O Texto II e o Texto Gerador I se assemelham e se distinguem em vários aspectos, quanto à forma e quanto ao conteúdo. Sobre essas semelhanças e diferenças é **incorreto** afirmar que:

- (a) Os dois textos são narrativos, sendo o I um fragmento de um romance, mais analítico; e o II um conto ou uma narrativa curta, mais sintética.
- (b) Nos dois textos, temos relatos sobre vida e morte de personagens pobres.
- (c) Na narrativa de Andersen, temos a descrição das personagens e o relato dos acontecimentos mais detalhados que na de Jorge Amado.
- (d) Na narrativa de Jorge Amado, temos a descrição das personagens e o relato dos acontecimentos mais detalhados que na de Andersen.

Habilidade Trabalhada

Estabelecer as diferenças estruturais entre romance, conto e crônica.

Resposta Comentada

Nesta questão, o aluno deverá estabelecer comparações entre os gêneros textuais “conto” e “romance”, a partir da reflexão sobre as apresentações que o narrador faz das

personagens, do tamanho dos textos e do detalhamento nas descrições e relatos de acontecimentos.

Os alunos deverão notar diferenças estruturais entre o gênero “conto”, trabalhado no 2º bimestre, e o gênero “romance”, focalizado neste 3º bimestre, tais como o maior detalhamento feito pelo narrador do romance na descrição de cenas e personagens, bem como no relato de acontecimentos. Sendo assim, o discente identificará a alternativa d como correta e a c como a incorreta, que deve ser por ele assinalada.

Lendo, com atenção, os dois textos perceberá que são narrativos, pois ambos contam histórias. Mas, aproveitando pistas dos enunciados e do trabalho desenvolvido ao longo dos dois últimos bimestres, será capaz de perceber que o texto de Andersen, Texto II, é uma narrativa curta de menos de duas páginas, que sintetiza acontecimentos e descrições. Por outro lado, lembrará de que *Capitães da Areia*, de onde se extraiu o fragmento do Texto Gerador I, é parte de uma narrativa bem mais longa, da qual vários capítulos já foram lidos e analisados em sala, revelando várias aventuras e problemas enfrentados por personagens, que são profundamente descritos e analisados na obra, por isso mesmo um romance. Logo, entenderá a alternativa a como correta.

A alternativa b, após a leitura dos dois textos, será percebida como correta, uma vez que ambos os textos abordam vida e morte de personagens pobres: Dora, que morre doente num trapiche miserável, em *Capitães da Areia*; e “a menina dos fósforos”, que morre de frio e fome, na rua, no conto de Andersen.

Assim, a única alternativa incorreta é a c, como se viu.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 5

Ao longo deste bimestre, o romance *Capitães da Areia* foi lido, debatido e teve seus capítulos resumidos pela turma. Por tudo isso, vocês já têm um bom conhecimento de toda a história de Pedro Bala e seus amigos.

Além disso, cada equipe já elaborou um roteiro de romance, dividido em quatro ou cinco capítulos, baseados em situações vividas ou inventadas.

Agora, é a hora de você e seu grupo escreverem sua própria narrativa, desenvolvendo o romance que planejaram.

Nesta primeira semana, cada grupo apresentará para a turma seu *plot* (síntese da ação em até três linhas) do romance, o *plot* de cada capítulo com definição de tempo e cenário e, por fim, uma descrição (psicológica, social e física) de cada personagem (até 5). Após as apresentações dos *plots*, os alunos poderão fazer perguntas, críticas construtivas e sugestões, sempre respeitando a produção dos colegas.

Na próxima semana, cada grupo apresentará o resumo do seu primeiro capítulo para a turma em 5 min e entregará ao professor cópia do capítulo completo. Cada semana apresentará o capítulo seguinte. Só o último capítulo não será resumido em sala, para aumentar o suspense e o interesse dos alunos pela leitura dos romances dos colegas. Ao final, os livros completos e revisados serão expostos na biblioteca e ficarão disponíveis para empréstimo aos interessados.

Algumas sextas-feiras serão reservadas para debate e resumo das obras dos colegas lidas, sem divulgação dos finais dos livros até quando for preciso.

Habilidade Trabalhada

Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

Comentário

A atividade tem o objetivo de mostrar aos alunos que eles são capazes de escrever um romance, bem como incentivá-los a ler mais. A apresentação oral de resumos favorece a socialização e desinibição dos alunos, bem como desenvolve a capacidade de síntese. Além disso, buscamos mostrar a importância do planejamento e da revisão textual, contribuir na formação de escritores e leitores, valorizar as experiências dos alunos e incentivar sua criatividade e senso crítico.

REFERÊNCIAS

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 3ª ed. Portuguesa. Coimbra: Martins Fontes, 1976.

ANDERSEN, Hans Christian. *Os melhores contos de Andersen*. São Paulo: Verbo, s/d.

CÂNDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; et alii. *A personagem de ficção*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. (Coleção Debates)

COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios)

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova Gramática aplicada da língua portuguesa: uma comunicação interativa*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2007.